

Páginas da Peregrinação

Fernão Mendes Pinto

Biblioteca Básica Verbo

78

<i>Prefácio</i>	7
Do que passei em minha mocidade neste reino até que me embarquei para a Índia (I)	13
Como embarquei em Diu para o estreito de Meca e do que passei nesta viagem (III)	16
Como partimos do porto de Arquico, e do que nos sucedeu com três barcos dos turcos que encontrámos (V)	19
De um motim que houve nesta cidade, da causa e do successo dele, e por que via fui daqui levado para Ormuz (VI)	21
Como chegou à fortaleza de Malaca um embaixador de el-rei de Aru e do que ali se passou (XXI)	24
Do que me aconteceu depois de partir deste reino de Aru (XXIII)	27
Do mais que passei até ser levado à cidade de Siaca, e do que nela me sucedeu (XXIV)	30
Do mais que me sucedeu com este mercador mouro (XXV)	33
Como indo eu de Malaca para o reino de Pão achei vinte e três cristãos perdidos no mar (XXXIII)	35
Como cheguei ao reino de Pão com estes perdidos, e do mais que aí passei (XXXIV)	38
Como el-rei de Pão foi morto, e quem o matou, e a razão por que, e do que então nos sucedeu a Tomé Lobo e a mim (XXXV)	41
De um triste caso que na barra de Lugor nos aconteceu (XXXVI)	44
Como António de Faria partiu para a ilha de Ainão em busca do mouro Coja Acém, e do que achou antes de chegar a ela (XXXIX)	47
Como daqui partimos para a ilha de Ainão, onde havia notícia que estava o corsário Coja Acém, e do que nos aconteceu no caminho (XL)	49
Como António de Faria chegou ao rio de Tinacoreu, ao qual os nossos chamam Varela, e da informação que sobre aquele reino lhe deram uns mercadores (XLI)	53
Como estando nós surtos na ponta de Tilaumera vieram por acaso ter connosco quatro lanteias de remo, em que vinha uma noiva (XLVII)	56

Dos mais trabalhos que passámos nesta ilha, e da maneira como milagrosamente nos salvámos (LIV)	61
Como partimos desta ilha dos Ladrões para o porto de Liampó, e do que passámos até chegar a um rio que se chama Xingrau (LV)	63
Como encontrámos no mar uma embarcação pequena de pescadores, em que iam oito portuguezes muito feridos, e da conta que eles deram a António de Faria da sua desventura (LVII)	67
Do que António de Faria fez em Lailó, onde se preparou para ir combater com Coja Acém (LVIII)	71
Como António de Faria pelejou com o corsário Coja Acém, e do que com ele lhe succedeu (LIX)	74
Dos trabalhos que passámos nesta enseada do Nanquim, e do que aqui nos fez o Similau (LXXIV)	78
Como chegámos a esta ilha de Calempluy, e da maneira, ordem, sítio e fábrica dela (LXXV)	81
Como António de Faria chegou a esta ermida, e do que nela aconteceu (LXXVI)	84
Do mais que António de Faria passou nesta ermida até se embarcar (LXXVII)	87
Como partimos desta cidade de Uzangué, e do que nos aconteceu até chegarmos à ilha de Tanixumá, que é a primeira terra do Japão (CXXXII)	90
Como desembarcámos nesta ilha de Tanixumá, e do que se passou com o senhor dela (CXXXIII)	93
Da honra que o nautaquim fez a um dos nossos por o ver atirar com uma espingarda, e do que daqui resultou (CXXXIV)	96
Como este nautaquim me mandou mostrar ao rei do Bungo, e do que vi e passei até chegar onde ele estava (CXXXV)	99
De um desastre que nesta cidade aconteceu a um filho de el-rei, e do perigo em que eu por isso me vi (CXXXVI)	104
Do mais que passei no caso deste moço, e como me embarquei para Tanixumá, e daí para Liampó, e do que me aconteceu depois que aí cheguei (CXXXVII)	108
Como de Liampó parti para Malaca, de onde o capitão da fortaleza me mandou ao Chaubainhá de Martavão (CXLIV) . .	112
Do mais que passei até chegar à barra de Martavão (CXLVII)	115
De algumas coisas particulares que succederam aqui em Martavão (CXLVIII)	117

Da decisão que tomou o Chaubainhá, depois de ver que não podia ser socorrido pelos Portugueses (CXLIX)	122
Do caminho que fizemos até chegarmos ao pagode de Tinagógó (CLVIII)	127
Do lugar e fábrica deste pagode de Tinagógó, e do grande concurso de gente que a ele vem (CLIX)	130
Da grande e sumptuosa procissão que se faz neste pagode, e dos sacrificios que se fazem nela (CLX)	134
Do que este rei bramá fez depois de chegar à cidade de Pegu, e como mandou sobre a cidade Savady, e do que aí nos aconteceu aos nove portugueses (CLXX)	138
Do mais que passámos neste caminho, e do successo que tivemos nele (CLXXI)	142
Como deste porto da Sunda fui ter a Sião, de onde, na companhia de outros portugueses, fui com el-rei à guerra do Chiammay, e do successo dela (CLXXXI)	146
Do mais que o rei de Sião fez até voltar para o seu reino, onde a rainha sua mulher o matou com peçonha (CLXXXII)	149
Da triste morte deste rei de Sião, e de algumas coisas illustres que ele fez na sua vida (CLXXXIII)	153
Do que succedeu no tempo deste rei xemim de Satão, e de um caso abominável que aconteceu a Diogo Soares (CXCII)	158
Do mais que se passou neste caso de Diogo Soares (CXCII)	163
Como deste reino Pegu embarquei para Malaca, e daí para o Japão, e de um estranho caso que aí succedeu (CC)	166
Como passámos desta cidade de Fucheu para o porto de Hiamangó, e do que nele nos aconteceu (CCII)	171
De uma grande armada que o rei do Achém mandou neste tempo sobre Malaca, e do que fez o padre-mestre Francisco Xavier, reitor da Companhia de Jesus nas partes da Índia (CCIII)	174
Do que aconteceu à nossa armada estando para partir, e das duas fustas que chegaram de novo à fortaleza (CCIV)	180
Como este bem-aventurado padre chegou ao porto de Finge onde estava a nossa nau, e do que succedeu até ir ver el-rei do Bungo à cidade de Fucheu (CCIX)	184
Das honras que el-rei de Bungo fez ao padre-mestre Francisco neste primeiro dia em que se encontrou com ele (CCX)	188
Da grande tormenta que sofremos indo do Japão para a China, e como nos livrámos dela por orações deste servo de Deus (CCXIV)	193

Dos vários casos que aconteceram a este bem-aventurado padre até chegar à China, e da maneira da sua morte (CCXV) . . .	198
Como chegámos ao reino do Bungo, e do que lá passámos com el-rei (CCXXIII)	205
Do que passei depois de partirmos deste porto de Xeque até chegar à Índia, e daí a este reino (CCXXVI)	211

